

**Libras como ferramenta para aprimorar a relação médico-paciente surdo: uma breve
revisão bibliográfica**

**Libras as a tool to improve the medical-patient-deaf patient relationship: a brief
bibliographic review**

**Libras como herramienta para mejorar la relación médico-paciente-paciente sordo:
breve revisión bibliográfica**

Recebido: 04/11/2020 | Revisado: 08/11/2020 | Aceito: 02/12/2020 | Publicado: 05/12/2020

Márcia Fernanda Correia Jardim Paz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6086-6469>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: marciafernandacjp@gmail.com

Alícia Del Carmen Candebat Assunção Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2352-8073>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: aliciaassuncao@hotmail.com

Gabriela Oliveira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5633-9965>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: oliveiragaby443@gmail.com

Gabriela Vieira Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5811-0315>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: gabrielamed27@hotmail.com

Diogo Lima Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4445-1498>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: diogolcunha.22@hotmail.com

Jordana Ribeiro da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6020-8768>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: jordana25ribeiro@hotmail.com

Caio Luís Martins de Campos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9057-3202>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: caioluismartins@gmail.com

Caroline Tápia da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4986-3099>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: carolinetapia@hotmail.com

Anna Maria Nascimento de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3477-1949>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: namarialima42@gmail.com

Ana Vitória de Menezes Silva Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1737-5744>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: anavitoriaamenezes@gmail.com

Valeska Nayra Diógenes Oliveira Batista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8810-6827>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: valeskanayra@hotmail.com

Gustavo David da Silva Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1715-2206>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: gustavomartins210901@gmail.com

Daniela Oliveira Arêa Leão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4989-4389>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: @danielaoliveira2410@gmail.com

Beatriz Miranda Martins Coelho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0204-9855>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí, Brasil

E-mail: beatrizmmcoelho@gmail.com

Stephannye Campelo de Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6271-3477>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do PiauÍ, Brasil

E-mail: stephannye_campelo72@hotmail.com

Augusto César Beltrão da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8458-9574>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do PiauÍ, Brasil

E-mail: profsbeltrao@gmail.com

Renata Paula Lima Beltrão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3624-6171>

Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do PiauÍ, Brasil

E-mail: profsbeltrao@gmail.com

Resumo

Objetivo: Analisar a produção científica sobre a história da surdez, no Brasil, e a relação do médico com o paciente surdo. Método: É uma revisão integrativa, apoiada no método qualitativo, incluindo manuscritos publicados nas bases de dados SciELO, PubMed e BVS utilizando os descritores “Relação médico-paciente AND Surdez AND Língua de Sinais”, “Relação médico-paciente AND Surdez”, “Relação médico-paciente AND Língua de Sinais”, no português e inglês, em título ou *abstract*. Resultados: Dos 267 artigos selecionados, preliminarmente, apenas 32 foram utilizados para as análises com ênfase nos objetivos do estudo. Analisou-se, a partir dos textos relevantes, a evolução da história da educação de surdos, o surgimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e sua importância para a relação entre o médico e o paciente. Considerações finais: Constatou-se a existência de poucos artigos tratando do tema objeto da investigação. Há a necessidade de avanço nas pesquisas que tratam da Língua Brasileira de Sinais enquanto mecanismo apto a melhorar a relação médico-pacientes surdos. Conclui-se que a relação entre médico e paciente surdo continua sendo uma barreira causada pela falta de conhecimento de Libras, com potencial para implicar em diagnósticos errados, quebra de sigilo médico, bem como frustrações por parte do paciente.

Palavras-chave: Língua de sinais; Relação médico-paciente; Surdez.

Abstract

Objective: To analyze the scientific production on the history of deafness, in Brazil, and the relationship between the doctor and the deaf patient. **Method:** It is an integrative review, supported by the qualitative method, including manuscripts published in the SciELO, PubMed and BVS databases using the descriptors “Doctor-patient relationship AND Deafness AND Sign Language”, “Doctor-patient relationship AND Deafness”, “ Doctor-patient relationship AND Sign Language ”, in Portuguese and English, in title or abstract. **Results:** Of the 267 selected articles, preliminarily, only 32 were used for analysis with emphasis on the objectives of the study. Based on the relevant texts, the evolution of the history of deaf education, the emergence of the Brazilian Sign Language (LIBRAS) and its importance for the relationship between the doctor and the patient were analyzed. **Final considerations:** It was found that there are few articles dealing with the subject matter of the investigation. There is a need for advancement in research that deals with the Brazilian Sign Language as a mechanism capable of improving the relationship between doctor and deaf patients. It is concluded that the relationship between doctor and deaf patient remains a barrier caused by the lack of knowledge of Libras, with the potential to result in wrong diagnoses, breach of medical confidentiality, as well as frustrations on the part of the patient.

Keywords: Sign language; Physician-patient relations; Deafness.

Resumen

Objetivo: Analizar la producción científica sobre la historia de la sordera, en Brasil, y la relación entre el médico y el paciente sordo. **Método:** Es una revisión integradora, sustentada en el método cualitativo, que incluye manuscritos publicados en las bases de datos SciELO, PubMed y BVS utilizando los descriptores “Relación médico-paciente Y Sordera Y Lenguaje de Señas”, “Relación médico-paciente Y Sordera”, “ Relación médico-paciente Y Lengua de Signos ”, en portugués e inglés, en título o resumen. **Resultados:** De los 267 artículos seleccionados, de manera preliminar, solo 32 fueron utilizados para análisis con énfasis en los objetivos del estudio. A partir de los textos relevantes, se analizó la evolución de la historia de la educación de los sordos, el surgimiento de la Lengua de Signos Brasileña (LIBRAS) y su importancia para la relación entre el médico y el paciente. **Consideraciones finales:** Se constató que existen pocos artículos que abordan el tema de la investigación. Es necesario avanzar en la investigación que aborde la Lengua de Signos Brasileña como un mecanismo capaz de mejorar la relación entre el médico y los pacientes sordos. Se concluye que la relación entre médico y paciente sordo sigue siendo una barrera provocada por la falta de

conocimiento de Libras, con el potencial de resultar en diagnósticos erróneos, violación de la confidencialidad médica, así como frustraciones por parte del paciente.

Palabras clave: Lengua de signos; Relaciones médico-paciente; Sordera.

1. Introdução

As pinturas rupestres são os registros mais antigos da comunicação humana, responsáveis por construir uma história e multiplicar saberes (Clauhs et al., 2018). Falhas na propagação desse conhecimento, capazes de comprometer o entendimento, trazem consequências na aprendizagem. Por isso, a audição é um dos pilares importantes do saber (Grobel & Telles, 2014). O comprometimento deste sentido atinge - além de seguimentos educacionais, emocionais, econômicos - a saúde focada na relação médico-paciente (Mendes, 2020).

A surdez, seja por perda total ou parcial, sempre foi vista com rejeição, colocada à margem da sociedade. Na Antiguidade, era considerada como doença pelas famílias. Estas barreiras sociais iam se edificando à medida que não tínhamos e não temos uma educação de inclusão com profissionais preparados para diminuir esta distância entre o surdo e as possibilidades que o mundo oferece (de Souza et al., 2020).

O passar dos anos permitiu novos olhares e um novo cenário foi montado. Desta vez muito diferente: o surdo é uma pessoa capaz, que apresenta uma limitação, mas que precisa assumir sua surdez sem a necessidade do oralismo como objetivo de vida (Souza et al., 2017).

O último censo do IBGE, realizado em 2010, registra 9,7 milhões de surdos no Brasil. Destaca, ainda, que 2.147.366 são portadores de deficiência auditiva severa com prevalência no gênero masculino (Szesz, Mansani, Silva, de Bonfim & Fernandes, 2019; de Souza et al., 2020).

Devido às pressões dessa parcela de brasileiros, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida, pela Lei nº 10.346/2002, como língua oficial do nosso país e ainda tornou obrigatória a inclusão de Libras no curso de magistério ou licenciatura, educação superior, profissional e fonoaudiologia (Dias, Coutinho, Gaspar, Moeller & Mamede, 2017).

Nesse processo, a lei das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina determina, na Resolução N^o 3 de junho de 2014, um olhar para saúde coletiva do ponto de vista social e não apenas assistencial, mas com uma valorização da dignidade humana (Bursztyn, 2015).

Nessa linha de inclusão, o manual *A Pessoa com Deficiência e o Sistema Único de Saúde* foi uma importante ação do Ministério da Saúde na tentativa de traçar estratégias para diminuir as distâncias entre o deficiente e o acesso à saúde (Dias et al., 2017).

No entanto, existe uma necessidade em melhorar a comunicação e, conseqüentemente, a prestação dos serviços de saúde à população surda. A falta de conhecimento por parte da classe médica e perpetuação de ideias pré-concebidas a respeito dos surdos - tais como baixa habilidade de comunicação, dificuldade na aquisição de linguagem e falta de inteligência – se tornam barreiras para o atendimento pleno e digno desse grupo. As questões socioculturais também acabam por gerar falhas no processo da relação médico paciente, o que distancia a população surda da busca de auxílio médico (Pereira, Passarin, Nishida & Garcez, 2020).

Diante do exposto, Szesz et al. (2019) relatam a necessidade de capacitar médicos para a Língua Brasileira de Sinais. Apontam que o atendimento realizado sem uma comunicação plena fere princípios do SUS, como universalidade, integralidade e equidade. É importante relatar que, embora o SUS tenha ampliado sua capacidade de atendimento, ainda não é suficiente para cobrir toda população. E, nesta situação, os surdos reivindicam atendimento (Souza et al., 2017). Este estudo tem como objetivo analisar a produção científica sobre a história da surdez e a relação do médico com o paciente surdo em publicações nas bases de dados Scielo, BVS e PubMed.

2. Metodologia

Para construção deste artigo, realizou-se uma revisão integrativa de manuscritos publicados, utilizando o método qualitativo, por meio das bases de dados SciELO, PubMed e BVS, usando os descritores *relação médico-paciente*, *surdez*, *língua de sinais*, em português e inglês, pesquisados em Título e *Abstract*.

O estudo é caracterizado pela investigação a partir de dados secundários e da realidade observada por outros autores, no sentido de permitir aprofundamento na temática abordada e, simultaneamente, racionalizar e indicar espaços que merecem dedicação teórico-científica. A percepção de novos horizontes de pesquisa é uma decorrência da revisão secundária qualitativa (Pereira et al, 2018).

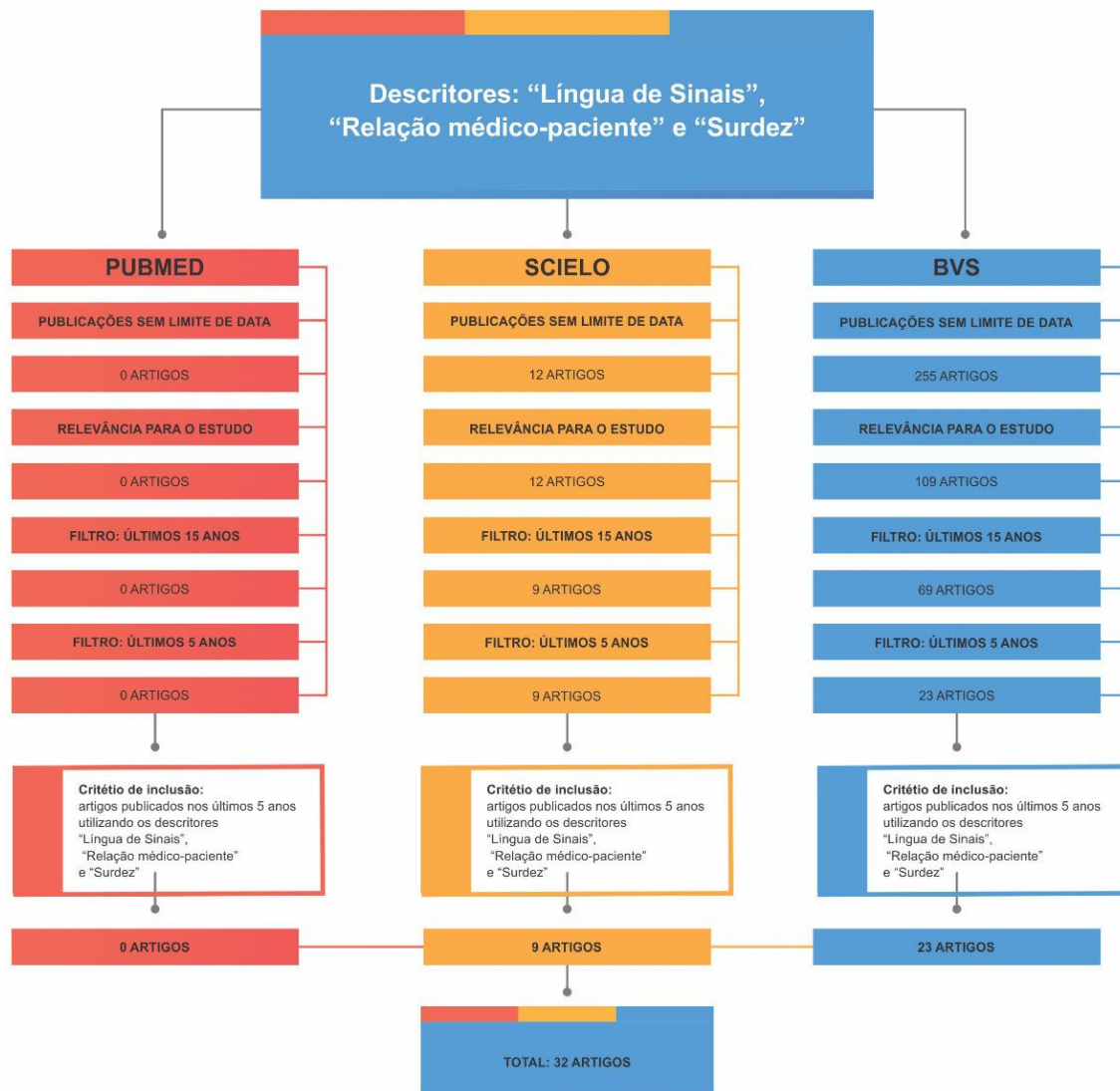
Assim, para avaliar a relação médico-paciente surdo, que se comunica usando língua de sinais, os critérios de inclusão para artigos foram publicações em português, inglês e sem limites de data. A busca dos artigos ocorreu entre 01 de setembro e 30 de outubro de 2020. Como critérios de exclusão foram considerados (1) artigos repetidos nas bases de dados, (2)

artigos não publicados nos últimos cinco anos e (2) sem relação com o estudo aqui proposto, excluindo, assim, manuscritos em inglês sem relação de pertinência. Desta forma, após aplicar os critérios de exclusão, obteve-se uma amostra composta por 32 artigos.

3. Resultados e Discussão

Após consulta nas bases de dados Scielo, PubMed e BVS, utilizando os descritores *Relação médico-paciente*, *Surdez*, *Língua de sinais*, pesquisados em Título e *Abstract*, aplicou-se os critérios de inclusão e exclusão, seguidos de leitura dos artigos. A leitura dos títulos e dos resumos, sem limite de data de publicação, selecionou 267 artigos. Estas produções passaram por mais um filtro, eliminando aqueles que não foram publicados nos últimos cinco anos, restando apenas 63. Todas as 63 publicações foram lidas na íntegra, o que permitiu selecionar apenas 32, utilizando o critério de pertinência: artigos que tratam de LIBRAS, surdez e relação médico-paciente no Brasil. É importante registrar a pequena quantidade de publicações abordando a relação médico-paciente surdo. Destaca-se que a base PubMed não retornou publicações para os descritores indicados (devidamente traduzidos para a língua inglesa). A Figura 1 descreve este processo de seleção.

Figura 1. Estratégia de busca, utilizando os descritores *Relação médico-paciente*, *Surdez*, *Língua de Sinais*, nas bases de dados Scielo, PubMed e BVS, nos últimos 5 anos.



Fonte: Autores (2020).

Os textos selecionados estão dispostos e organizados, com indicação de autoria e considerações/temáticas:

Tabela 1. Compilado integrativo dos textos selecionados.

Nº	TÍTULOS	CONSIDERAÇÕES/TEMÁTICA	REFERÊNCIAS
1	O ensino da língua portuguesa para surdos.	Desenvolver uma abordagem histórica sobre a educação de surdos por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, verificando sua evolução e ganhos adquiridos e apresentando como se dá o processo de compreensão da aprendizagem do português como segunda língua do sujeito surdo na forma escrita.	Almeida, 2017.
2	Diretrizes curriculares nacionais de 2014: um novo lugar para a Saúde Coletiva.	Busca determinar o que as DCN-2014 propõem, na saúde coletiva, para o egresso de medicina e como a saúde coletiva pode ajudar na aquisição de competências.	Bursztyn, 2015.
3	A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX.	Refletir sobre a formação de relações de saber-poder que possibilitaram a criação de mecanismos escolares voltados para o governo dos surdos.	Câmara et al., 2018.
4	A arte de desenhar como instrumento de comunicação na elaboração de e-book.	O objetivo é utilizar os desenhos como alternativa de ilustração para os e-books que estão sendo produzidos pelos grupos do projeto Pró-Saúde e do Centro de Excelência em Produtos e Processos Oleoquímicos e Biotecnológicos (CEPPOB).	Claufs et al., 2018.
5	Preconceito e surdez: uma análise a partir do videodocumentário “Sou surda e não sabia!”	A importância deste estudo se alinha aos objetivos do movimento político dos surdos por se relacionar a sua luta pela redução, até mesmo superação, dos preconceitos históricos e sociais a eles direcionados.	Correa, 2020.
6	A pessoa surda e a língua de sinais na escola.	O presente estudo objetiva mostrar o tratamento destinado à pessoa surda ao longo do seu percurso histórico, visando a elucidar as propostas educacionais na trajetória do povo surdo.	Costa Silva; Da Silva Santos, 2020.
7	A Socialização da criança surda por meio das artes visuais.	Ampliar as informações acerca da contribuição da contação de histórias para educação infantil, buscando respostas para as seguintes indagações: como a arte da contação de história influencia no desenvolvimento infantil? Como utilizar a literatura como recurso pedagógico? Qual a forma ideal de contar histórias?	Silva, 2019.
8	Um pouco da história da educação de surdos	Trata da evolução histórica da educação dos surdos e como esse processo contribuiu para o avanço social e humanitário.	Silva, 2020.
9	O ensino de libras na	Este estudo objetiva analisar formas de	Silveira Calixto,

	formação de professores: formas de perceber o surdo e a língua de sinais.	graduandos em pedagogia e geografia perceberem o surdo e a Libras.	
10	Apontamentos sobre a educação de surdos: aprendizagens no encontro com a surdez.	Tecer algumas reflexões acerca da educação de surdos em uma concepção bilíngue, problematizando ideias correntes sobre o sujeito surdo e a surdez.	Delima; Sampaio; Ribeiro, 2015
11	Inclusão escolar do aluno surdo. EaD & Tecnologias Digitais na Educação,	Discutir a in/exclusão das práticas pedagógicas direcionadas aos alunos surdos, indagando como acontece essa in/exclusão no contexto escolar.	Souza Rizzi; Benites, 2019.
12	Libras no atendimento a pessoa surda no serviço de odontologia: uma revisão de literatura.	Discutir a importância da língua brasileira de sinais (LIBRAS) no atendimento a pessoas surdas nos serviços de odontologia.	Souza et al., 2020.
13	Libras na formação médica: possibilidade de quebra da barreira comunicativa e melhora na relação médico-paciente surdo.	Avaliar o contingente de médicos recém-formados pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que domina a Libras.	Dias et al., 2017.
14	Hearing-impaired young people—a physician’s guide.	Fornecer uma visão geral dos jovens com deficiência auditiva (HIYP), os desafios que enfrentam e o que podemos fazer para ajudá-los.	Easson; Valter, 2017.
15	Conhecimento de Libras pelos médicos do Distrito Federal e atendimento ao paciente surdo.	Avaliar o conhecimento de Libras por médicos do Distrito Federal e sua percepção frente ao atendimento de pacientes surdos.	Gomes et al., 2017.
16	Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e, a evolução da autenticidade documentoscópica	Dar ao leitor uma visão de como surgiu a escrita, através de pinturas encontradas em cavernas e sítios abertos.	Grobel; Telles, 2014.
17	Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.	Aborda as condições linguística e educacional do bilinguismo da pessoa surda.	Lima-Salles, 2019.
18	A formação em libras no Brasil na atualidade.	Realizar um panorama sobre a quantidade de cursos ofertados em Libras nas Instituições de Ensino Superior (IES).	Matos; Nascimento, 2017.
19	Medicina e libras: os desafios de uma formação humanizada	Analisar a inserção da disciplina de Libras nos projetos pedagógicos dos cursos de Medicina (PPCs) das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas (IES) da capital alagoana, como também investigar sua influência na formação mais humanizada	Mendes, 2020.

		dos estudantes de Medicina.	
20	História da educação dos surdos no Brasil.	Aborda a história da educação de surdos desde o Brasil império, contextualizando com os EUA e Europa, destacando o papel de Dom Pedro II para os surdos.	Mori; Sander, 2017.
21	Deficiência sensorial: visual e surdez.	Trata das deficiências sensoriais, passando pela percepção visual e a surdez.	Oliveira, E. A. D. (2019).
22	Práticas docentes e a aprendizagem de estudantes surdos.	Verificar de que modo as práticas docentes influenciam na aprendizagem de estudantes surdos.	Paiva, 2017.
23	“Meu Sonho É Ser Compreendido”: Uma Análise da Interação Médico-Paciente Surdo durante Assistência à Saúde	Caracterizar os atendimentos de saúde aos surdos, na perspectiva dos profissionais médicos, dos internos de Medicina e dos próprios usuários, e discutir as estratégias desenvolvidas na interlocução e interação médico-paciente e as ferramentas para o aprimoramento da prática médica.	Pereira et al., 2020.
24	Educação bilíngue: transpondo conceitos. In Anais do congresso de pesquisas em linguística e literatura	Ressignificar o conceito de educação bilíngue. Para isso, apresentaremos alguns modelos de ensino bilíngue, suas características e algumas reflexões sobre educação bilíngue no século XXI.	Pessoa, 2019.
25	Bilinguismo e inclusão escolar dos alunos surdos.	Compreender de que modo o bilinguismo pode contribuir na educação de surdos.	Pietzak, 2019.
26	Pensares surdos: estudos na área de letras.		Ramos; M Pietzak Uniz, 2018.
27	A educação do surdo no Brasil.	Compreender, através da análise de diferentes práticas utilizadas na educação do surdo, as razões pelas quais os pedagogos colocaram em	Soares, 2015.
28	Dificuldades na comunicação com portadores de deficiência auditiva.	Trata de estudo sobre comunicação dos profissionais de saúde e dos portadores de deficiência auditiva, com base em levantamento bibliográfico.	Albuquerque; Sobrinho, 2018.
29	Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura.	Identificar na literatura os principais obstáculos e dificuldades enfrentadas por pessoas surdas quanto ao acesso à saúde.	Souza et al., 2017.
30	I curso de capacitação em língua brasileira de sinais (libras) para futuros profissionais da área da saúde (2017): um relato de experiência	Fomentar a busca de um melhor entendimento dos sinais e sintomas dos pacientes surdos pelos profissionais da saúde, gerando um impacto positivo no futuro profissional dos envolvidos no curso.	Szesz et al., 2019.
31	Educação Bilíngue nas Políticas Educacionais e Linguísticas para	Apresenta problematizações acerca das estratégias e discursos que o governo utiliza no contexto das políticas públicas	Thoma, 2016.

	Surdos: discursos e estratégias de governo.	para surdos.	
32	O papel dos gêneros discursivos escritos na aquisição do português por falantes surdos: algumas implicações.	Discute a educação dos surdos, com enfoque no português escrito enquanto segunda língua para os surdos que dominam a LIBRAS.	Irineu, L. M., & Costa, W. P. A. (2017).

Fonte: Autores (2020).

Na antiguidade, os surdos eram percebidos com piedade e compaixão. Atribuía-se à deficiência como castigo dos deuses. Esta percepção errônea levava a crer que os surdos tinham o poder de enfeitiçar (Correa, 2020). Por isso, eram abandonados ou sacrificados. A Bíblia registra voz e o ouvido como a única maneira que poderia haver diálogo entre Deus e o homem (da Silva, 2019).

Até o século XV, a sociedade tinha a falsa ideia de que os sujeitos surdos não poderiam ser educados, logo, eram um grupo alijado de direitos sociais. Somente a partir do século XVI é que se verificam algumas atividades educativas que incluíam os surdos. Metodologias de ensino foram desenvolvidas a época com o intuito de incluir essa classe tanto excluída. Vale ressaltar que Cardano, médico italiano e estudioso sobre a condução do som, foi o primeiro a asseverar a possibilidade do surdo ser educado e instruído. Marca-se um divisor de águas na história da surdez (Soares, 2015). Em continuidade, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon desenvolveu o método datilologia e criou uma escola de professores para surdos (Oliveira, 2019).

Como tentativa de multiplicar esses conhecimentos, surgiu a figura do professor. O abade Charles Michel de l'Épée se aproximou dos surdos que perambulavam pelas ruas de Paris e criou os sinais metódicos. Além disso, transformou sua casa em escola pública (Matos & Nascimento, 2017).

O século XVIII é marcado por conquistas na educação de surdos, sejam quantitativas, a exemplo do aumento de escolas; sejam qualitativas, com independência de aprendizado que proporcionou uma nova forma de compreenderem o mundo, além de inserir o surdo no mercado de trabalho (Câmara, 2018). Neste cenário, surgem as filosofias educacionais do Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo.

O oralismo, defendido por Samuel Heinick, em 1750, rejeitava a linguagem de sinais e ensinava a forma oral. Os surdos eram forçados a agir como se não tivessem deficiência

auditiva e tinham a obrigação de aprender a falar. Caso contrário, seriam marginalizados pela sociedade. (Paiva, 2017; da Silveira Calixto, 2018).

Em 1880, defensores do oralismo, realizaram, em Milão, o II Congresso Internacional de Educação de Surdos, um divisor de águas. (de Souza Rizzo & Benites, 2019). O voto de Alexander Graham Bell, o inventor do telefone, fez diferença no congresso e no mundo. Nesta ocasião, além da proibição da língua de sinais, foi negado aos professores surdos o direito ao voto (da Silva, 2020).

A comunicação total surgiu na década de 70, resultante do descontentamento com o oralismo (de Lima, Sampaio & Ribeiro, 2015; Almeida, 2017; de Souza Rizzo & Benites, 2019).

Outra filosofia educacional muito importante para quebra de barreira com o paciente surdo foi o bilinguismo (Pessoa, 2019). A intenção básica do bilinguismo é que o indivíduo seja bilingue, portanto ele deve adquirir como uma língua materna, a língua de sinais, que é a natural dos surdos; e uma segunda língua, o idioma oficial do seu país (Pietzak & Probst, 2017; Lima-Salles, 2019).

O Brasil não ficou alheio à educação dos surdos. O despertar de inclusão desta parte da sociedade, privada do direito de ouvir, inicia o seu processo (Soares, 2015). Em 1855, Dom Pedro II traz o professor surdo Hernest Huet para educar 2 crianças surdas pagas pelo governo (Mori & Sander, 2015). Na mesma época, precisamente em 1857, foi criada a Fundação do Instituto Nacional de Surdos-mudos; hoje Instituto Nacional de Educação dos Surdos. Esta mudança para retirada da palavra “mudo”, um termo pejorativo e de visão preconceituosa, representa uma conquista para a comunidade surda (da Costa Silva & da Silva Santos, 2020).

No século XX, chega ao Brasil o bilinguismo, resultado de grandes avanços de pesquisas científicas, reivindicando a língua de sinais como primeira língua, além da oficial já existente no país. Defensora deste processo pedagógico, a professora e pesquisadora linguística, Lucinda Ferreira Brito, exerceu um papel histórico no processo de estruturação da língua de sinais (Thoma, 2015; Ramos & Muniz, 2018).

No cenário destas conquistas, fazia-se necessário um Projeto de Lei para regulamentar o bilinguismo no país. A Declaração de Salamanca, em 1994, trouxe o reconhecimento dos sinais utilizados no processo de comunicação como algo pertencente ao surdo. Esta nova forma de inclusão do surdo na sociedade, através de uma educação surda respeitando sua individualidade, é determinante e diferenciada das metodologias anteriores (Irineu & Costa, 2017).

Conquistas como a instituição de Libras, em 2002, criação do Dia Nacional do Surdo (26 de setembro) e regulamentação da profissão de intérprete de Libras foram importantes. No entanto, para Dias et al. (2017), de 2002 aos dias atuais, o avanço ainda é limitado. As barreiras são impostas em vários aspectos, a exemplo da carência de profissionais na área. E isso vai impactar na medicina, que tem mais uma norma a cumprir, no papel, a DCN/2014, sem a verdadeira eficácia na prática.

3.1 Relação médico-paciente surdo

A interação entre médico e paciente se relaciona diretamente com a forma que o médico enxerga o ser humano que o procura, de modo que o contexto sociocultural serve como uma lente para esse relacionamento (Dias et al., 2017).

A situação da população surda requer mais atenção no âmbito da saúde. Para que a relação com o paciente seja bem trabalhada, faz-se necessário a realização do atendimento médico com anamnese, exame físico e exames complementares. Devem ser respeitadas as barreiras e as limitações do paciente, evitando o distanciamento desta parcela da população do atendimento médico (Pereira et al., 2020), e isto só será possível se os médicos e médicas brasileiras dominarem a língua de sinais, o que demanda o processo de ensino na formação desses profissionais em específico.

De Souza (2020) afirma que a relação médico e paciente surdo é marcada pela falta de comunicação, o que impossibilita um diagnóstico preciso e, por consequência, um tratamento adequado e resolutivo.

Souza et al. (2017) continua apontando as dificuldades que a população surda sofre quando busca o atendimento em saúde. Essas são relacionadas com a comunicação e com o desconhecimento da Língua Brasileira de Sinais por parte dos profissionais de saúde. Para acentuar a situação, ainda existe a necessidade de um familiar ou intérprete presente durante a consulta. Uma terceira pessoa, neste momento, fere o Código de Ética Médica que, no seu Capítulo de Princípios Fundamentais, assegura o sigilo médico, conforme transcrito:

XI - O médico guardará sigilo a respeito das informações de que detenha conhecimento no desempenho de suas funções, com exceção dos casos previstos em lei.

Por mais que se trate de um familiar ou intérprete próximo, é inquestionável que, nesse caso, é urgente debater acerca da confidencialidade que esses indivíduos têm, que deve ser entendida enquanto um dever. É preciso garantir que familiar ou intérprete não violem o sigilo – situação complexa e, pois, potencial para a divulgação de informações confidenciais.

A lei das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina determina na Resolução N^o 3 de junho de 2014 um olhar para saúde coletiva do ponto de vista social e não apenas assistencial (Bursztyn, 2015). E esta dignidade é refletida num processo de inclusão conforme Artigo 23, Inciso VII do Capítulo III aqui transcrito:

VII – abordagem de temas transversais no currículo que envolvam conhecimentos, vivências e reflexões sistematizadas acerca dos direitos humanos e de pessoas com deficiência, educação ambiental, ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais), educação das relações étnico-raciais e história da cultura afro-brasileira e indígena.

Apesar do Decreto n^o 5.626, de 2005, ter tornado obrigatório a inclusão de Libras em alguns cursos de formação superior e a disciplina de Libras ter sido acrescentada ao curso de Medicina, esse acréscimo foi instituído de forma eletiva, cabendo ao estudante a escolha de realizá-la ou não. Esta estratégia, que permite a liberdade de escolha, só reforça a distância entre a medicina humanizada, escrita no Código de Ética, e a oferecida por profissionais que não conhecem Libras e a história dos surdos (Pereira et al., 2020).

O despreparo para atender às necessidades dos pacientes surdos fica evidente (Gomes et al., 2017). O constrangimento e a insegurança gerada pela incerteza da compreensão da queixa principal, reforça a barreira estabelecida pela falta de conhecimento. Além disso, aponta a necessidade de mudanças para que se estabeleça uma comunicação necessária e que respeite o paciente como um todo (Pereira et al., 2020).

Uma outra dificuldade apresentada diz respeito ao paciente surdo que não sabe escrever, nem fazer leitura labial. Caso o médico opte em estabelecer uma comunicação onde ninguém fala a mesma língua, situações como esta, relatada por Pereira et al. (2020), fazem com que o paciente procure o médico com menos frequência.

A importância da flexibilidade na comunicação para melhoria da relação médico paciente é indiscutível. Por isso, há necessidade de identificar a individualidade de cada paciente surdo, respeitar as diferentes formas de comunicação, desde leitura labial, à linguagem de sinais, a fala com suporte de sinais, o uso de imagens ou a combinação de duas ou mais formas, é sempre importante perguntar como eles querem se comunicar. (Easson & Walter, 2017). Corroborando esse pensamento, Easson & Walter (2017) acrescenta que, durante a consulta, o médico deve conseguir a atenção do paciente falando de forma calma, frente a frente, facilitando a leitura labial, se for o caso, tendo clareza no assunto tratado, realizando a entrevista em um local com boa iluminação e com pouco ruído, persistindo até conseguir a comunicação correta.

É motivo de preocupação as incertezas dos pacientes geradas pela dúvida quanto à compreensão do médico. Dentre as principais queixas dos pacientes surdos com relação ao sistema de saúde estão a dificuldade de comunicação, o medo, a desconfiança e a frustração, que têm como consequência uma menor procura pelo atendimento médico. Esta barreira estabelecida entre médico e paciente surdo é um desafio para o Sistema Único de Saúde, que tem como princípio a universalidade, a integralidade e a equidade (Souza, 2017).

Sobrinho (2019) aponta que a comunicação pode ser estabelecida com ajuda da tecnologia. O desenvolvimento de aplicativos para celulares possibilitou uma interação mais dinâmica entre seus usuários. Pereira et al. (2020) cita o aplicativo “*Hand Talk*” como uma ferramenta para facilitar entendimento do paciente surdo pelo médico. Esta ferramenta funciona a partir da conversão de textos, que é interpretada por um personagem usando a linguagem de sinais. Isso representa um avanço na inclusão social da pessoa com deficiência auditiva.

A barreira linguística representada pela falta de conhecimento precisa ser rompida como um processo de inclusão social e de uma medicina humanizada. E isso só é possível se todos abraçarem a causa com o propósito de mudanças que irão ocorrer não apenas com a comunidade surda, mas com o desenvolvimento de competência habilidade e atitudes que fazem o diferencial na vida das pessoas e na Medicina.

4. Considerações Finais

O estudo permitiu constatar que a população surda é alvo de preconceito e de desrespeito desde a antiguidade. É evidente, igualmente, a importância das filosofias educacionais nesse processo evolutivo que culminou com a Língua Brasileira de Sinais e a DCN 2014.

No entanto, registra-se a barreira linguística entre médico e o paciente surdo. Esta condição dificulta a relação médico-paciente e gera frustrações que podem ocasionar um distanciamento do paciente surdo do sistema de saúde, à medida que rompe o vínculo.

Além disso, também sinaliza a necessidade de pesquisas científicas que possam gerar discussões, no âmbito social e político, na tentativa de fornecer subsídios que contribuam para a quebra deste hiato entre o surdo e o médico. Apresentando, então, a LIBRAS enquanto uma porta de conhecimento que pode conectar o médico ao mundo através de uma medicina humanizada, universal, tratando os diferentes de forma diferente, ou seja, com equidade e com

integralidade. Além de atender aos princípios do Sistema Unificado de Saúde, praticar uma medicina humanizada é obrigação do médico e direito de todos, assegurado na Constituição.

Referências

Almeida, A. P. (2017). *O ensino da língua portuguesa para surdos*. [s. l.].

Bursztyn, I. (2015). *Diretrizes curriculares nacionais de 2014: um novo lugar para a Saúde Coletiva*. *Cad. ABEM*, 11, 7-19.

Câmara, L. C. (2018). *A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX*.

Clauhs, L., Brixner, B., Leal, V. L., Silva, C. M. D., Possuelo, L., & Morsch, L. M. (2018). *A arte de desenhar como instrumento de comunicação na elaboração de e-book*. *Anais do Salão de Ensino e de Extensão*, 87.

Correa, A. G. (2020). Preconceito e surdez: uma análise a partir do videodocumentário “Sou surda e não sabia!”, de Igor Ochronowicz (2009). *Revista Primeira Escrita*, 7(1), 20-32.

Costa Silva, R. A., & da Silva Santos, K. C. (2020). A pessoa surda e a língua de sinais na escola. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas ISSN 2446-6115*, 5(1), 72-85.

Silva, R. F. (2019). A Socialização da criança surda por meio das artes visuais. *Educa Brasil*, 186.

Silva, T. C. S. (2020). Um pouco da história da educação de surdos. *Teoria Em Foco*.

Silveira Calixto, H. R. (2018). O ensino de libras na formação de professores: formas de perceber o surdo e a língua de sinais. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 4(1), 101-116.

Lima, C. M., Sampaio, C. S., & Ribeiro, T. (2015). Apontamentos sobre a educação de surdos: aprendizagens no encontro com a surdez. *Revista Espaço*, (43).

Souza Rizzo, J. G., & Benites, K. (2019). Inclusão escolar do aluno surdo. *EaD & Tecnologias Digitais na Educação*, 7(9), 73-84.

Souza, E. B., de Souza Silva, I. B., de Souza, A. P., do Nascimento, I. P., de Souza, F. H. B., da Silva Souza, A. P. M., & de Oliveira Freitas, N. (2020). Libras no atendimento a pessoa surda no serviço de odontologia: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(3), 6942-6956.

Dias, A. R., Coutinho, C. R., Gaspar, D. R., Moeller, L., & Mamede, M. (2017). Libras na formação médica: possibilidade de quebra da barreira comunicativa e melhora na relação médico-paciente surdo. *Revista de Medicina*, 96(4), 209-214.

Easson, A., & Walter, S. (2017). Hearing-impaired young people—a physician’s guide. *Clinical Medicine*, 17(6), 521.

Gomes, L. F., Machado, F. C., Lopes, M. M., Oliveira, R. S., Medeiros-Holanda, B., Silva, L. B., & Kandratavicius, L. (2017). Conhecimento de Libras pelos médicos do Distrito Federal e atendimento ao paciente surdo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(4), 551-556.

Grobel, M. C. B., & Telles, V. L. C. N. (2014). Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e, a evolução da autenticidade documentoscópica. *Revista Acadêmica Oswaldo Cruz*, 1(1).

Irineu, L. M., & Costa, W. P. A. (2017). O papel dos gêneros discursivos escritos na aquisição do português por falantes surdos: algumas implicações. *Revista do GELNE*, 19(2), 03-17.

Lima-Salles, H. M. M. (2019). *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Cãnone Editoração Ltda.

Matos, P. M., & Nascimento, K. C. S. (2017). *A formação em libras no brasil na atualidade. Ideias e Inovação-Lato Sensu*, 3(3), 79.

Mendes, V. C. (2020). *Medicina e libras: os desafios de uma formação humanizada*. *Semana de Pesquisa do Centro Universitário Tiradentes-SEMPESq-Alagoas*, (7).

Mori, N. N. R., & Sander, R. E. (2015). *História da educação dos surdos no Brasil*. *Seminário de Pesquisa do PPE*. Universidade Estadual de Maringá, 2.

Oliveira, E. A. D. (2019). *Deficiência sensorial: visual e surdez*.

Paiva, M. S. P. D. (2017). *Práticas docentes e a aprendizagem de estudantes surdos*.

Pereira, A. A. C., Passarin, N. D. P., Nishida, F. S., & Garcez, V. F. (2020). “Meu Sonho É Ser Compreendido”: Uma Análise da Interação Médico-Paciente Surdo durante Assistência à Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(4).

Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. UAB/NTE/UFSM.

Pessoa, A. P. S. (2019). Educação bilíngue: transpondo conceitos. In *Anais do congresso de pesquisas em linguística e literatura*, 1(1), 95-106.

Pietzak, J. D. D. C., & Probst, M. (2017). Bilinguismo e inclusão escolar dos alunos surdos. *Maiêutica-Pedagogia*, 5(1).

Ramos, D. C. M. P., & Muniz, V. C. (2018). Pensares surdos: estudos na área de letras. *Pensares em Revista*, (12).

Soares, M. A. L. (2015). *A educação do surdo no Brasil*. Autores Associados (Editora Autores Associados LTDA).

Sobrinho, J. L. G. (2019). Dificuldades na comunicação com portadores de deficiência auditiva.

Souza, M. F. N. S. D., Araújo, A. M. B., Sandes, L. F. F., Freitas, D. A., Soares, W. D., Vianna, R. S. D. M., & Sousa, Á. A. D. D. (2017). Principais dificuldades e obstáculos

enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura. *Revista CEFAC*, 19(3), 395-405.

Szesz, A. B. R., Mansani, F. P., Silva, J. V. C., de Bonfim, L. D., & Fernandes, M. M. (2019). I curso de capacitação em língua brasileira de sinais (libras) para futuros profissionais da área da saúde (2017): um relato de experiência/I Brazilian sign language training course for future health professionals (2017): an experience report. *Brazilian Journal of Development*, 5(10), 20739-20745.

Thoma, A. D. S. (2016). Educação Bilíngue nas Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos: discursos e estratégias de governo. *Educação & Realidade*, 41(3), 755-775.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Márcia Fernanda Correia Jardim Paz – 5,8%

Alícia Del Carmen Candebat Assunção Araújo – 5,8%

Gabriela Oliveira da Silva – 5,8%

Gabriela Vieira Araújo – 5,8%

Diogo Lima Cunha – 5,8%

Jordana Ribeiro da Silva – 5,8%

Caio Luís Martins de Campos – 5,8%

Caroline Tápia da Silva – 5,8%

Anna Maria Nascimento de Lima – 5,8%

Ana Vitória de Menezes Silva Carvalho – 5,8%

Valeska Nayra Diógenes Oliveira Batista – 5,8%

Gustavo David da Silva Martins – 5,8%

Daniela Oliveira Arêa Leão – 5,8%

Beatriz Miranda Martins Coelho – 5,8%

Stephannye Campelo de Araújo – 5,8%

Augusto César Beltrão da Silva – 5,8%

Renata Paula Lima Beltrão – 5,8%